



DA INVEJA E DO ORGULHO

28 — VII — 1913.

Eis dois adversarios da alma, implacaveis, imperiosos, insaciaveis: Inveja e Orgulho! Este exige honras, considerações, titulos honorificos, regalias sociaes, vassalagens; aquella cobiça a ventura alheia, todos os bens terrenos, não sómente para alimentar indomita vaidade como esmagar os conhecidos e desaffectos. Não tendo o invejoso com que cevar sua ambição, com que realizar seus planos descommedidos, soffre intensamente. Observa elle, com pezar inaudito, outros individuos galgarem posições mais elevadas que a sua, saciarem o desejo de ostentação que os domina, ao passo que elle nunca possuirá palacios, equipagens, lacaios, vestes apparatosas... E, tudo isso que não passa de goso ephemero e perigoso para os espiritos imperfeitos e vacillantes na virtude, constitue um supplicio para o que anhela, em vão, semelhantes pompas mundanas...

E, o que acontece nas classes mais prestigiadas da sociedade, dá-se tambem nas medianas e nas mais humildes. Em todas ellas reinam, desenfreadamente, a inveja, o orgulho, a soberba...

Os que ambicionam a situação pomposa de outrem urdem tramas tenebrosas contra a sua reputação, proferem, á socapa, refrencias deprimentes contra os considerados ditosos da Terra.

Essas insinuações malevolas são, invariavelmente, as mesmas em todos os paizes, porque só ha um compendio para o erro, para a calumnia e para a falsidade humanas, qual se fora elaborado em volapuk, por um auctor unico, e universalmente adoptado para uso de todos os seres perversos, que o decoram da primeira á ultima pagina...

Quem nunca ouviu murmurar, em voz soturna, ei- vada de perfidia:

“— Viste a F. como está vestida a rigor, com uma *toilette* de alto preço?

Aposto em como não foi o pae, ou o esposo, quem lh'a deu... Deve ter-lhe sido dado por *algema*... E ella quer passar por seria e virtuosa!”

Mas, não prosigo... Para que o fazer?

Quantas paginas ficariam repletas de diffamações se alguém collectionasse todas as aleivosias assacadas á reputação alheia, motivadas pela inveja?...

Talvez fosse mister um seculo para as escrever, outro para as imprimir em colossaes *in-folios*...

O modelo que citei é dos mais leves, dos que não revelam ainda um coração intoxicado completamente pelo *virus* da maledicencia, porque ha outros em que a honra e a dignidade de nosso proximo são atassalhadas impiedosamente em intimas ou publicas palestras.

No entanto, ás vezes, não passam esses conciliabulos de concepções infundadas e caluniosas, oriundas de quem as forjou com o desejo immoderado de estar em identica situação á da pessoa incriminada...

E é assim que, milhares de seres humanos, deixam decorrer suas existencias, quasi inuteis, porque os que aqui vêm e não progredem espiritualmente, não profligam os proprios defeitos moraes, descuram de seus deveres sociaes e divinos, praticam o que é prejudicial ás collectividades, têm de regressar novamente ao planeta onde se não corrigiram ou commetteram delictos

graves. E é justo que assim seja, afim de que soffram elles rispidas mas merecidas expiações, pois das que lhe foram impostas não tiraram resultado satisfatorio, antes, acarretam para suas almas torvas e impuras outros delictos impunes e detestaveis...

Quando as verdades conhecidas pelos christãos-espiritas forem mundialmente comprehendidas e praticadas em todas as classes populares, as criaturas estarão trilhando o luminoso carreiro da Regeneração animica: ninguem mais quererá transgredir seus deveres humanos e divinos para que, no porvir, não venha resgatar penosamente os debitos contrahidos no passado umbroso!

E' mister, pois, Paladinos de Jesus, prêgueis as consequencias dos erros humanos, para que, todos, indistinctamente, artifices e potentados, detestando-os como se fossem adversarios implacaveis, possam acrysolar os seus sentimentos, até attingir a Perfeição.

Sêde, sobretudo, inflexiveis para com a inveja e o orgulho — os factores perniciosos de muitos attentados e de muitas quedas no resvaladouro do Mal!

Não ambicieis a ventura alheia — seja qual fôr — um lar tranquillo, uma esposa honesta e formosa, um consorte probó e carinhoso.

Não censureis nosso proximo porque possue opulencia, regalias sociaes, bens materiaes, pois tudo isso ficará no solo onde serão cavados os vossos sepulchros...

Não alimenteis, em vossos corações, o orgulho que tudo exige para cevar-se, qual despota incontentavel, mórmente se se aloja nos dos que nasceram em habitações principescas, dos que se julgam acima das classes proletarias. No entanto, muitas vezes o mendigo que elles desprezam ao lhes implorar um obulo, nos erbes dos redimidos, onde impera a justiça absoluta, vale mais, incomparavelmente mais que um Creso ou um auctorata arrogante e iniquo!

Não vos julgueis, pois, acima de qualquer desventurado, porque ainda podereis ficar em situação mais penosa do que a delle. Sede humildes e compassivos, não cobiceis a opulencia e os gosos illicitos, que ficam no planeta em que viveis e, no Infinito, valem tanto como os calháos que encontrastes pelas estradas desertas e nem ao menos vos detinheis, por um segundo, para nelles fazer reparo...

Não vos inquieteis por não deixardes abastança aos vossos descendentes, mas esforçae-vos por lhes legar educação moral e as vossas virtudes, que são os thesouros de inestimavel valor para o Omnipotente e os encontrareis intactos, além, — accrescidos com os juros do galardão e da felicidade que, então, fruireis, — nos encantadores mundos astraes!

O altruismo, a rectidão em vossa conducta, vossas accções louvaveis, vossa resignação no sofrimento, submissão ás Leis supremas, pratica da caridade moral — que consiste em não propalar as faltas alheias e auxiliar os delinquentes com salutares conselhos para se rehabilitarem — eis os erarios que deveis ambicionar e accumular para vós mesmos.

Deixaes que outros desfructem sumptuosidades, glórias, ostentações, conforto, pois que, muitas vezes, tudo isso que os proletarios aspiram é uma prova ardua a que foram submettidos e nella fracassam os não esforçados, os pusilanimos, retardando, assim, por tempo illimitado, o seu remodelamento psychico.

No emtanto, os entes em lucta incessante contra a adversidade, a falta de pão e de vestes modestas, que trabalham sem treguas para viver honestamente, que adormecem vencidos pela fadiga physica, ou mental, mal alimentados e cobertos de farrapos, — são almas que, triumphando de suas duras expiações, approximam-se definitivamente do Omnipotente.

Estão elles saldando debitos remotos, architectando sua ventura porvindoura, ensaiando o derradeiro surto do orbe dos Tormentos transitorios aos páramos sideraes, para, mais tarde, aqui voltarem no desempenho de nobilissimos encargos, já como lucidos emissarios do Sempterno!

Não ambicieis, pois, a felicidade ephemera de vossos amigos e conhecidos.

Não fomenteis as exigencias dos adversarios do espirito — cobiça, orgulho, desejo do que é alheio, — nutridos em vosso intimo pela vaidade e indolencia, que vos não deixam repelir o Mal, vos instigam insidiosamente á obtenção de honras, titulos nobiliarchicos, todas as regalias dos poderosos do mundo sublunar e o desprezo pelos jornaleiros e todos os heroes abscurros do trabalho e do Dever...

Contentae-vos com a vossa posição humilde mas isenta de remorsos e responsabilidades.

Todos aspiram habitar palacios reaes, moldados segundo as regras de escultura e de esthetica, ornamentados com moveis e objectos artisticos, e, no emtanto, não foram os que nelles residem que os fizeram, mas sim os modestos obreiros que desappareceram no anonymato de suas existencias sombrias, depois de haverem perpetuado seus labores em monumentos os mais imponentes, que desafiam os seculos.

Pois bem, eu vos affirmo que esses são mais ditosos que os moradores dos Paços imperiaes ou palacios dos milliardarios, pois estes, quasi sempre, soffrem intensas amarguras, decepções tremendas, desgostos, traições, e, por seu turno, invejam a liberdade, a despreocupação de espirito do mais infimo de seus famulos!...

E' bem conhecida a dolorosa verdade contida neste proloquio: "E' sempre inquieta a cabeça coroada..."

Não anheleis, pois, nunca, ser dos que residem em sumptuosas habitações. Desejae, antes, ser os miserios e anonymos artistas que as construiram, eternizando quasi o seu trabalho para logo se eclipsar em seus lugubres tugurios...

Sois tambem, irmãos dilectos, — todos vós que correis com o labor espiritual para architectar a remodelação humana, — obreiros do mais portentoso obelisco que será erigido na Terra, não para perpetuar, ás vezes, a vangloria e o orgulho bellico de um povo, mas para fazer ascender as almas aos mundos luminosos!

Sois obscuros e abençoados operarios do aprimoramento psychico, dos transciados do carreiro do Bem, interpretes infatigaveis das mensagens do Além, auxiliares efficazes de nossos irmãos sideraes para a elaboração dos habitantes planetarios, confraternizados todos por meio dos pensamentos que se permутam incessantemente.

Podeis, pois, concorrer com os vossos esforços para que nossos irmãos, agora imperfeitos, fiquem em condições de residir nas mansões astraes — edificadas nos páramos ethereos, que a vossa vista não alcança, esculpidos em blocos de jaspes coloridos e translúcidos, onde a esthetica mais excelsa impera, as quaes irradiiam a mesma luz emanada dos espiritos dos redimidos!

Lá, então, todos vós já acendrados e evoluidos, vereis que, as pompas e as regalias terrenas tantas vezes cobrigadas, foram os parceis em que, muitas vezes, sossobrastes...

Bendireis a humildade em que vivestes, as lagrimas de amargura que vertestes, sabendo que a felicidade de conquistada não o foi por meio de opulencia, dos deleites mundanos, mas sim do trabalho, da penuria, do dever mais austero, do altruismo praticado, da Virtude incorruptivel!

Pedro.



DAS VERDADES AMARGAS

Venho, hoje, melindrar susceptibilidades, — embora não seja esse o meu intuito. Vejo-me na penosa conjunctura de um cirurgião sensivel que, ao ter de amputar um membro enfermo, ou lacerar um abcesso affectado de *morbus* pernicioso, sente-se compadecido pelo sofrimento alheio, sabendo a dor que causará, mas, convicto de que vae cumprir um sacro dever, — qual o de sanear um organismo intoxicado por um mal deleterio, — não hesita em pôr em practica a medida extrema — operar, amputar...

Assim, tanto eu quanto os meus companheiros de refregas espirituas somos como o alludido e piedoso cirurgião: dóe-nos o descontentar os enfermos d'alma quando desta temos de extirpar um cancer já secular, nella profundamente arraigado, mas, se tivermos demasiada sensibilidade, em vez de habeis operadores psychicos, seremos acoimados de imperitos, e não podremos cumprir austeramente nossa ardua missão... E' custosa, é plena de escolhos a nossa tarefa — a de cicatrizar, com o cauterio comburente das verdades mais desagradaveis — os espiritos chagados por delitos millenarios. No entanto, se hoje provocamos ressentimentos, ferimos corações vaidosos, mais tarde seremos cobertos de bengãos e de carinhosos agradecimentos, em que resumbrará a sinceridade fraternal.